A DAMA BRANCA,

Opera-comica em 3 actos,

POR

Eugenio Scribe.

MUSICA DE BOIELDIEU.

Para se representar no Theatro da

RUA DOS CONDES.

BIBLIOTECA MUNICIPAL ORIGENES LESSA
Tombo nº 20.866
MUSEU LITERARIO

DOAÇÃO DE
Origenes Lessa
A
Nº 0285

LISBOA: 1842.

Typ. da A. das Bellas Artes.
Rua de S. José n.° 8.

BIBLIOTECA MU... ORIGENES LESSA*
Lençóis Paulista - SP

A FILHA DE TABARIN

Opera-comica em 3 actos,

POR

[illegible]

REPRESENTADA PELA PRIMEIRA VEZ NO THEATRO DA [illegible]

Para se representar no Theatro da

EM 1868

INTERLOCUTORES. ACTORES.

	Os Snrs.
GAVESTON, antigo mórdomo dos condes de Avenel.	*Figueiredo.*
JORGE, joven official inglez.	*Iburra.*
DIKSON, rendeiro dos de Avenel.	*Sargedas.*
MAC-IRTON, juiz de paz do districto.	*Silva.*
GABRIEL, criado do casal de Dikson.	*Vanez.*
UM ALDEÃO	*Theodorico.*
	As Snr.as
ANNA pupila de Gaveston.	*Rosalina.*
JENNY, mulher de Dikson	*Radicci.*
MARGARIDA, criada antiga dos condes de Avenel.	*Clementina*

Homens e mulheres do campo, habitantes de Avenel, officiaes de justiça.

A scena é na Escocia; acção em 1759.

ACTO I.

O theatro representa o interior d'um casal, na Escocia; o fundo aberto deixa ver um sitio pitoresco, arvores, rochedos, e um caminho que desce da montanha para o casal.

SCENA I.

INTRODUCÇÃO.

Aldeões escocezes, homens e mulheres; a Madrinha com o ramo ao peito.

Chòro.

T'angei, tangei trompas e flautas
P'r'os aldeões já reunir;
Ha bapt'zado, e mesa lauta
A que deveis logo assistir.

SCENA II.

Os mesmo, DIKSON JENNY. saindo da porta a direita.

Um Aldeão, (*dirigindo-se a Dikson*).
Meu primo, então! que novidade?

DIKSON.

Tenho um grande pezar!
Pois hoje, por fatalidade,
Não posso o filho baptizar.

O Choro.

Então por quê?

DIKSON.

P'r'o baptizado....

O Choro.

Um padrinho é mister.

DIKSON.

Dizeis bem, dizeis bem!
O padrinho não vem.
Não, não, não pôde ser.

JENNY, (a suas companheiras).

Sem padrinho ter,
Como ha de ser?

DIKSON.

Tinhamos um muito eminente,
Como sabeis, era o Sherif:
Mas adoeceu-nos de repente
C'uma indigestão de rost-beef.

O Choro.

Quem ha de supprir um sherif?

Juncto.

JENNY.

Quero um padrinho d'alta espera,
Que possa meu filho ajudar.

DIKSON.

Mas visto que nada se espera,
Todos se podem retirar.

O Choro.

Visto não vir quem se espera,
Não ha dança nem jantar.
(*Saida falsa*) (*apparece Jorge no fundo*)

JENNY.

Mas eu vejo um militar!
Esse estrangeiro, quem será?

DIKSON *e o choro.*

Mas eu vejo um militar!
Quem será? quem será?

JORGE.

Amigos, qual de vós
Abrigo me dará?
(*Puxando por uma bolsa de dinheiro e apresentando-lh'a*)
Olhai!... e tereis a bondade....
Recebei, recebei!

DIKSON.

Senhor! n'isso offendeis um montanhez!
Dá sempre hospitalidade,
Não a vende o Escocez.
Tal não faz, não, não! Quem sois vós?

JORGE.

Militar desde tenra edade,
E official eu sou do Rei.

JENNY, DIKSON *e o choro.*

Um official do Rei!

DIKSON.

Bastar-vos-ha tal qualidade,
Gosto em vos hospedar terei.

JORGE.

A' vossa urbanidade
Eu mui grato serei.

Aria.

Oh que prazer é ser soldado!
O varão denodado
Serve a patria e seu rei,
E de amor favorecido,
Do valor segue a lei.
Oh que prazer é ser soldado!
Apenas elle em qualquer parte
O seu tambor ouve tocar
Alegre, nos campos de Marte
Os seus dias vai arriscar.
Escutai! Lá 'sta, lá 'stá!
Ouvi seus cantos de victoria
Que são da alegria o signal.
„ Vamos brindar á nossa gloria!
„ Brindar ao nosso general!„
Oh que prazer é ser soldado!
O varão denodado &c.
Quando a paz seu valor premeia,
E que volta p'r' á sua aldeia,
De que espectaculo vai gozar!
Vê um amigo, um pâe
Que ternamente o abraça.
Ouve dizer: „ Olhai! olhai!
„ Elle é a honra do logar! „
Cada qual o abraça;
Elle é a honra do logar!
O velho mesmo, quando passa,

Tira o chapéo p'ra o cortejar.

(*Leva a mão ao chapéo*)

Que feliz estado!

Oh que prazer é ser soldado!

Quando a paz seu valor premeia &c.

E sua mãe? que afortunada!

„ Já chegou! aqui 'stá!

„ E' meu filho, é meu filh...

JENNY, DIKSON *e choro.*

E' tal e qual! assim dirá.

JORGE, *olhando em roda.*

Mas eu tinha uma namorada?

Onde está ella?

(*sorrindo-se*)

Ah! eu já sei!

Oh! entendo, entendo; eu já sei!

(*Suspirando e continuando alegremente*)

Oh que prazer é ser soldado!

JENNY, DIKSON *e o choro*

Sim, é feliz estado:

Oh que prazer é ser soldado!

JENNY, *em voz baixa a Dikson.*

Que genio tão prazenteiro!

Para compadre nos convem.

DIKSON, *em voz baixa a Jenny*

Fallar-lhe em tal!... não fica bem.

JENNY, *em voz baixa*

Eu vou primeiro...,

DIKSON *em voz baixa*

Que vais fazer?

JENNY, *em voz baixa*

Perde o receio.

DIKSON, *em voz baixa.*

Que vais fazer?

Fallar-lhe em tal não fica bem.

JENNY, *dirigindo-se a Jorge.*

Copla 1.ª

Por gram mercê, o ceo muito clemente
Um filho agora acaba de nos dar;
E p'ra que seja amavel e valente
Para padrinho o vimos convidar.

DIKSON.

Para padrinho o vimos convidar

JORGE.

Para padrinho vós me convidais?

O Choro

Para padrinho o vimos convidar.

JORGE.

Copla 2.ª

Desejo em paga d'uma tal ventura,
O seu destino um dia engrandecer!
Sinto porem, vendo tal formosura,
Não poder eu mais que padrinho ser,
E' desventura
Não poder eu mais que padrinho ser,

DIKSON.

Oh que bondade!

JENNY *e o choro.*

Quanto é amavel!

DIKSON.

Vós acceitais?

JORGE.

Acceito.

DIKSON.

Vós acceitais! que favor!

JENNY *e o choro.*

Que favor!

DIKSON, *a Jenny*

Tu, corre avisar o pastor.

(*Aos Camponezes.*)

E vós, tratai da mesa com cuidado;
Pois antes do baptizado,
Ha de haver um bom jantar.

IORGE.

E já me dou por convidado.
Copo na mão, vós me ouvireis
Entoar tambem minha canção.
Ah! feliz me vereis!
Para mim que satisfação!

JENNY, DIKSON *e o choro.*

Copo na mão, vós lhe ouvireis
Entoar tambem sua canção.
Ah! bom compadre terei / tereis
Oh que satisfação!

DIKSON (*aos Montanhezes*)

Vamos lá! podeis tocar
O Choro
Tangei, tangei trompas e flautas &c.

(*Jenny sáe pelo fundo; alguns montanhezes seguem-na, outros entrão no casal.*)

BIBLIOTECA MU... "...GENES LESSA"
Lençóis Paulista - SP

SCENA IV.

JORGE, DIKSON.

JOR. Estamos pois de acôrdo! Ficarei neste casal! ja pertenço á familia! Porem mal pensava eu esta manhan que estava destinado para uma tal dignidade!

DIK. Mas talvez que isso lhe cause desarranjo?

JOR. Nenhum. Que queres tu que faça um official que alcançou licença? ser padrinho ou outra qualquer coisa, tudo é o mesmo; é um meio d'empregar o tempo; e de mais a mais é um serviço indirecto que faz ao estado.

DIK. Mas é com effeito uma grande honra que faz a um simples lavrador; tanto mais que quando nasce uma criança, como dizião nossos avós, é sempre ameaçada d'influencias malignas... aqui, principalmente!

JOG. Deveras?....

DIK. Sim Senhor, a terra não é lá das melhóres! porem sou do parecer de minha mulher, a sua chegada é para nós de bom agoiro! A proposito, o meu official inda me não dice o seu nome.

JORG. Tens razão! antes de dar um nome a teu filho, convem dizer-te o meu chamo-me Jorge,

DIK. Jorge!

JORG. Sim... nada mais.

DIK. Jorge.. Isso não é mais que um nome de baptismo....

JORG. (*sorrindo-se*). Pois tambem hoje não precisas d'outro... Jorge Brown, se quizeres. É muita difficuldade teria em te dizer mais alguma cousa a excepção d'umas recordações vagas e confusas, nada me lembra da minha infancia nem da minha familia. Apenas me recórdo d'uns criados muito altos, com fardas agaloadas que me trazião ao collo; d'uma menina muito linda com quem era criado... d'uma velha que me cantava cantigas escocezas... Mas derepente, tambem não sei como, achei-me a bórda d'um navio, debaixo das ordens d'um chamado Duncan; d'um contra-mestre que se dizia meu tio e que eu nunca esquecerei, pois me ensinava bem ásperamente o serviço de marinha! Ao cabo de alguns annos d'escravidão e de mau tratamentos, consegui evadir-me, e desembarquei sem ter um scheilling n'algibeira.

DIK. Desgraçado moço!

JOR Não era muito digno de lástima... estava livre... era senhor de mim... Assentei praça... no exercito do rei Jorge... Marcha p'ra frente! co'a muchila ás costas Desde então sou o mais feliz dos homens; tudo me tem corrido bem... Parece que a fortuna me conduz pela mão. D'alli a pouco, na primeira acção em que

entrei, tinha então dezeseis annos; ainda lembrado da minha profissão de maruj... deito fóra a minha espingarda... marinho por um reducto a cima, sou o primeiro que entro, e o meu coronel abraça-me na frente de todo o regimento... O meu valente coronel!.. foi para mim um pae... um amigo! grangeei o seu affecto; encarregou-se da minha educação. de me promover. Ha seis mezes, no Hanover, tinha alcançado, havia pouco, o posto de segundo tenente, achei me a seu lado no ataque d'uma bateria! Jörge! gritava elle, retira-te! queria passar para a minha frente; bem pódes julgar que me expuz ao perigo que o ameaçava, mas de balde! caímos ambos... e elle para nunca mais se levantar!

DIR. Morreu?

JORG. Sim, no campo da honra! da morte dos valentes (*tirando o seu chapéo*); possa elle pedir lá em cima para que me aconteça outro tanto! Quando tornei a mim, achei-me n'uma cabana que me era desconhecida, e vi de repente apparecer uma rapariga, a quem certamente devi a vida, e que todos os dias vinha tratar de mim com o maior desvelo... Era a physionomia mais agradavel, mais interessante!... Era-me prohibido fallar, e só com gestos podia expressar-lhe a minha gratidão e o

desejo que tinha de conhcer a minha bemfeitora ... A seu tempo, me dizia ella, quando estiver melhor! Mas, um dia, esperava por ella as horas do costume, não tornou a apparecer; e comtudo na vespera, quando se apartou de mim, tinha-me dito: » Até á manhan. » Por isso inquieto e impaciente apressei-me em abandonar aquella cabana; d'alli sai inteiramente curado, mas louco de amores; e depois apezar das minas diligencias e indagações, tem-me sido impossivel alcançar noticias da minha formosa desconhecida

DIK. Era talvez o seu anjo da guarda... algum duende ou genio familiar.... como aquelles que por ahi apparecem.

JORG. Deveras? n isso vos reconheço eu, meus Escocezes... Mas em compensação, achei em Londres um conhecimento antigo, o amigo Duncan que é, segundo eu penso, o meu genio do mal; ficou espantado quando me viu com o meu novo posto. Boa vontade tinha eu, a pezar do nosso parentesco, de lhe restituir tudo o que d'elle tinha recebido... mas estava velho e doente, e julgo que poucos dias lhe restão de vida... reparti com Duncan o dinheiro que tinha na minha bolsa, e d'elle não quero nada, nem se quer a sua herança.

DIK. Foi boa acção... e por isso ha de ser bem succedido.

JORG. Foi exactamente o que elle me dice quando se apartou de mim....

SCENA V.

JORGE, DIKSON, JENNY.

DIKSON.

Que pertende a minha metade?

JENNY.

Ah senhor! eu não sei
Como lhe hei de explicar....

JORGE e DIKSON.

Então que houve? dizei.

JENNY.

O baptizado muito tarde
Ha de ser; e ficar
Não póde o senhor padrinho,
Pois hade querer partir....

JORGE.

Eu não tenho adonde ir;
Nada me apressa, e páro no caminho
Para me divertir.

JENNY e DIKSON.

Um tal prazer terei?
Vós ficais pois?

JORGE

Sim ficarei

JENNY e DIKSON.

Té ámanhan?

JORGE.

Sim ficarei.

JENNY e DIKSON.

E ceareis?

JORGE.

E cearei.
Que bella gente! oh que prazer!

JENNY e DIKSON.

Oh que prazer vamos gozar!
Em nossa casa ha de ficar.

DIKSON, (*a Jenny*)

A mesa já, minha mulher!
(*Jenny sáe por um momento.*)
(*A Jorge apresentando-lhe a mão.*)
Eia amigos, toquêmos!
Bebendo celebrêmos
A hospitalidade.

JORGE (*vendo entrar Jenny*)

A gloria, a formosura,
Tambem a lealdade.

JENNY.

Que ventura!
O chôro
Bebendo celebrêmos
A hospitalidade.
(*Muitos convidados entrárão e chegarão a*) *mesa.*)

DIKSON.

O seu logar, senhor compadre,
Deve o primeiro ser.
(*Convida-o a assentar-se na cabeceira da mesa.*)

JORGE

Ao pé de minha comadre?

Oh que prazer!
Juntos.

JORGE

A'hospitalidade
Hoje vamos brindar;
A gloria, a lealdade
Devemos celebrar.

JENICI, DIKSON E O *CHORO.*

A'hospitalidade
Hoje vamos brindar:
A gloria a lealdade
Devemos celebrar.

(*Estão todos assentados á mesa.*)

JORG. Ora diga-me, meu querido patrão, que haverá n'este paiz que desperte a curiosidade d'um viajante?

DIK. Temos em primeiro logar o castello d'Avenel... Um edificio magnifico! cuja torre principal d'aqui se avista.

JEN. O castello novo está fechado, e não se póde lá entrar, mas ha o antigo cujas ruinas e subterraneos são soberbos .... por isso todos os pintores os vão examinar!

JORG. Havemos de lá ir ámanhan, não é verdade? hão de accompanhar-me.

DIK. Vem em muito má occasião. Quasi nunca está no castello mais que uma criada velha ligada aos antigos proprietarios... mas hontem, chegou ahi o mórdomo Gaveston, e dizem que só se vai embora depois de feita a venda.

JORG. Que diz? vende-se esta propriedade?

DIK. Certamente.... Pertencia aos antigos condes d'Avenel, boa gente, a'quem todos amão n'esta terra... mas erão do partido dos Stuarts, e depois da batalha de Culloden o conde d'Avenel, que estava proscripto, emigrou com parte da sua familia para França, onde morreu, segundo dizem.

JEN. E n'esse meio tempo, o tal Gaveston fez tamanha embrulhada nos negocios do Conde, de quem era mórdomo, que para pagar aos credores vão á manhãa vender esta propriedade.

DIK. E ainda mais; dizem que Gaveston, qué já está rico, quer elle mesmo comprar o castello, e por esta forma, vir a ser Conde d'Avenel... Que me diz a isto?.... um velhaco d'um mórdomo feito nosso donatario... Não, co'a fortuna! não havemos de soffrer tal...

JEN. Pódes estar descansado, que elle não ha de ser bem succedido, por que hontem á noite, Gabriel, o nosso moço do casal viu a Dama Branca d'Avenel que andava pasesando por cima das ameias e ruinas do castello.

DIK Oh meu Deus! e tens certeza d'isso?

JEN. Elle viu-a, como te vejo a ti.

JORG. A Dama Branca d'Avenel! que vem a ser isso? teria muito gôsto em tomar conhecimento com ella!

DIK. Pois tem similhante pensamento?

JOG. E porque não? se for mulher bonita!

DIK. Ha trezentos ou quatro centos annos que é a protectora da casa d'Avenel!

JEN. Quando esta para acontecer a esta familia algum caso feliz ou desgraçado ha toda a certeza que apparece logo. Vê-se andar por cima das torres, toda vestida de branco, e tendo na mão uma harpa, de que saem sons divinos! e depois, como diz a ballada...

JORG. Ah! fizerão-lhe uma ballada?

DIK. E famosa! que se canta n'este districto... mas só quando está muita gente juncta ... porque não sendo assim causa muito pavor! .. Minha mulher sabe-a

JOR. Vamos lá, Jenny, cante-nos isso. Parece-me que somos assaz numerosos. (*Mostrando os convidados.*)

Coplas.

JENNY

Silencio!

DIKSON e *o choro.*

Escutai!

JENNY.

1.ª *copla*

D'esse castello a altura incrivel
D'aqui vereis; causa terror!
Pois uma senhora invisivel
Essa mansão guardando está.
Cavalleiro falso e traidor,

E que projectais acção má,
Tomai conta!
A Dama Branca vos aponta,
A Dama Branca ouvindo está.

DIKSON.

A Dama Branca vos aponta,
A Dama Branca ouvindo está.

O Choro

A Dama Branca ouvindo está.

JENNY.

2.ª

Em toda a parte ás raparigas.
Ella concede protecção;
E dos maridos as intrigas
A seu tempo revelará.
'Sposo infiel, vossa traição
Castigo um dia soffrerá;
Tomai conta!
A Dama Branca vos aponta,
A Dama Branca ouvindo está!

DIKSON.

A Dama Branca vos aponta,
A Dama Branca ouvindo está.

O Choro.

A Dama Branca ouvindo está!

JENNY.

3.ª

Debaixo d'essa arcada annosa.
Para evitar do sol o ardor,
Ás vezes donzella formosa
Seu namorado encontrará.

Ternos amantes, vosso amor
Em breve o logar saberà:
Tomai conta!
A Dama Branca vos aponta,
A Dama Branca ouvindo está!

DIKSON, (*as raparigas*)

A Dama Branca vos aponta....

As Raparigas.

Pois ella vê!!

DIKSON.

Se vos não vê, ouvindo está.

JENNY, E DIKSON.

Tomai conta!

O Choro.

A Dama Branca ouvindo está.

JORGE.

Com prazer vos escutei.
Muito bem! muito bem.
Dó tal conto eu gostei.

JENNY, DIKSON e *o choro.* (*assustados*)

Um conto!
A Dama Branca vos aponta,
A Dama Branca ouvindo está!
Silencio!...

JORGE, (*sorrindo-se*).

E póde a Dama Branca ouvir?
Póde ella ver! Ah, ah! ah, ah!

DIKSON.

Ouvirá, ouvirá.
Silencio!....

O Choro.

A Dama Branca anuindo está!

Silencio!...

Gabriel que entrou um momento antes puxa pelo fato a Dikson).

DIK. (*assustado*) Aï!... então que é isto?! é o meu criado Gabriel.

GAB. Senhor nôss'amo, os principaes rendeiros do districto estão alli n'aquella sala.

JEN. Vai depressa, que é p'ra a venda d'as manhãa.

JOR. A venda do Castello d'Avenel?

JEN. Sim senhor.... Todos os mais notaveis lavradores do districto vão reunir-se para lançar.

JOR. E qual é o seu fim, fazendo por sua conta uma tal aquisição?

JEN. E' para evitar que estes bens passem ás mãos de Gaveston, para os conservar á familia d'Avenel, cuja memoria todos aqui respeitão; e se um dia algum dos seus descendentes voltar para este paiz, dir-se-lhe-ha: ahi tendes os vossos bens, as vossas terras, nós as guardámos e cultivámos por vossa conta.... tomai outra vez posse d'ellas.

JOR. Será possivel.... um tal sacrificio.... Pois bem! sem os conhecer, já faço estimação dos coudes de Avenel, pois não podem deixar de ser homens de bem aquelles que sabem grangear tanto amor.

DIK. (*aos montanheses*) Ide, meus amigos, ide deliberar com elles; que eu já vou. (*Sáem todos pela porta á esquerda.*)

SCENA VI.

JENNY, JORGE, DIKSON.

JEN. (*a Dikson*) Porque os não accompanhas?

DIK. (*mostrando Jorge*) Queria primeiro fallar ao senhor ácerca da venda d'esta propriedade, e depois á respeito das idéas que me occorrêrão em quanto estavas cantando. Aqui, nesta terra.... são todos muito timoratos para me poderem dar um bom conselho, em quanto o senhor (*a Jorge*) que é militar e que tem valor....

JOR. Então de que se tracta?

DIK. Primeiramente, diga-me o Senhor official se acredita na Dama Branca?

JOG Quem? eu!... Na verdade, teria para isso alguma disposição; seria tão agradavel pensar que tinha sempre a meu lado uma mulher bonita, uma fadá caritativa para me ajudar no momento do perigo.... e daria tudo quanto possuo só para ver a Dama Branca d'Avenel.

DIK. (*tremendo*) Se isso é felicidade, eu sou mais feliz.

JEN. } Já a viste?...
JOR. }

DIK. Ainda mais... já lhe fallei... ha muito tempo... fiz-lhe então uma promessa que actualmente não deixa de me dar cuidado.

JEN. Que significa isto? E nunca me dice nada!

DIK. Nunca teria fallado nisto a pessoa alguma, se não fossem os acontecimentos d'amanhãa, e demais tendo tu contado que ella tornára a apparecer na terra, representou-se tudo isso á minha memoria: e desde então, não me quero gavar, assaltou-me um medo dos diachos!

JOR } Dize depressa!
JEN. }

DIK. Ha treze annos, depois da morte de meu páe, parecia que todas as desgraças caião sobre mim: o gêlo tinha estragado as minhas searas, o meu gado tinha morrido, tinha pegado o fogó no meu casal, sem contar os belegins e os homens de lèis que ja começavão a atormentar-me; no dia seguinte estavão para me fazer uma penhora em tudo, até nas minhas charruas, e não havia um amigo que me quizesse valer. Desesperado, vagava pelo campo, e achei-me ao pé dos subterraneos do castello antigo, entrei, e atirando comigo para cima d'uma lagea; „ Já que tudo me a-
„ bandona, exclamei, venha soccorrer-me
„ a Dama Branca; a ella me entrego,

» corpo e bens, se quizes emprestar-me
» duas mil libras d'Escocia. » Ouvi im-
» mediatamente uma voz que me dizé:
» Acceito. Quando chegar a hora, lem-
» bra-te da tua promessa. » E no mesmo instante cáe a meus pés uma bolsa.!

JORG. Isso não é possivel...

DIN. Apanhei-a com os olhos fechados, persuadido de que era, moeda falsa..., era muito bom oiro com que paguei as minhas dividas e puz em ordem os meus negocios. Desde então tudo tem prosperado em minha casa; sou hoje um dos mais ricos lavradores do districto, e cazei-me, o anno passado, com Jenny a quem amava havia muito tempo.

JEN. E eu, se tal soubesse, sempre haviade discorrer mais alguma coisa no caso.... fazer um pacto como esse!... Ora sabe que a tal Dama Branca é um duende... é como quem diz o...

DIN. (*tremendo*) Não ha tal..., é muito differente...

JEN. Sim senhor, essas coisas cumprem-se; e quando penso que se entregou ao duende com tudo o que lhe pertencesse!

DIN. É verdade!

JEN. E eu que sou sua mulher, estou pois comprehendida n'esse pacto... e nosso filho tambem.

JOR. Como! pois e meu afilhado!...

JEN. E se um dia de madrugada ella viesse por ahi para carregar com ambos...

DIK. Oh meu Deus! (*voltando-se*) Hem! então que é isso? (*vendo Gabriel*) este pateta fazdisto, mesmo de proposito; chega sempre quando estou com medo.

GAB. (*que entrou*) Mas é porque... o senhor noss'amo tem sempre medo quando chega alguem! Os rendeiros estão á sua espera, querem voltar para suas casas, e a noite não tarda.

DIK. Eu vou. (*a Jenny*) Olha, minha querida, não ha que temer. Para que queres tu que a Dama Branca carregue comtigo... comtigo que és uma mulher! mais depressa carregaria comigo... Eu já volto. (*Em voz baixa a Jorge*) Deixe-se ficar com minha mulher, e não m'a largue. (*Sáe*)

SCENA VII.

JORGE, JENNY.

Duetto.

JORGE.

Deixa-nos sós, mas estou vendo
Que elle se retira tremendo.

JENNY

Ai de mim! Senhor, é de crer;
Pois Dikson está sempre a tremer.
Qualquer rumor n'aldea ouvindo,
Já tem medo....

JORGE.

E que medo!
E se me deita uma olhadella...
Oh que medo!

JENNY

Pois tem medo?

JORGE.

E que medo!
Quando eu ádmiro taes encantos,
Tenho medo...

JENNY.

Pois tem medo!

JORGE.

Sim, sim, como acontece a tantos.

JENNY

Então, o que acontece a tantos?

JORGE

De juizo e coração perder
Tenho medo, tenho medo.
P'ra dissipar esta loucura,
De te abraçar peço a ventura.

JENNY.

Não senhor!
Tinha eu muito que temer!

JORGE

Um beijo só!

JENNY

Ficaria a tremer.

JORGE.

Não me recuses tal ventura.

JENNY, (*alegremente*).
Então! perdestes o temor?
JORGE (*maliciosa e comicamente.*)
Pelo contrario, inda dura:
Isto é para me dar valor.
(*Dá-lhe um beijo*).
Juntos.
JENNY.
Que excellente militar, &c.
JORGE.
Ao pè d'um bom militar, &c.

SCENA VIII.

Os mesmos, DIKSON.

Dikson, com ar espantado e tendo na mão um papel.

DIK. Minha mulher... minha mulher... (*a Jorge*) Ah! está ahi... peço-lhe... que se não aparte de mim.
JEN. Então que ha?... acoso os rendeiros?...
DIK. (*assustado*) Fui eu que fiquei encarregado da sua procuração, até setenta mil escudos... Mas depois d'isso retirárão-se...
JOR. E então! ...
DIK. (*como acima*) Fui accompanha-los até perto do matto... a cem passos da nossa casa! e quando voltava encontrei no meio da estrada um anãozinho, todo preto, que me apresentou este papel, e que immediatamente, julgo eu, se sumiu pelo chão

abaixo... por que não sei o que é feito delle!...

JEN, Oh meu Deus!

DIK. E o tal papel... aqui está!

JEN. Pois lê tu mesmo!

DIK. (*lendo*) » Juraste-me obediencia, é chegada a hora, precis de ti... Acha te esta » noite á porta do castello antigo, e pede hospitalidade invocando são Julião » d'Avenel. Assignado A Dama Branca. »

Final.

Terceto.

DIKSON E JENNY.

Ceos! que se acaba de ler!
Eis pois o momento fatal!
Nada posso comprehender
N'este mysterio infernal!

JORGE.

Eu não posso comprehender
Que aconteça caso egual;
A aventura dá que entender,
E é bem pouco trivial.

DIKSON.

Hoje á noite, no mesmo instante.

JENY.

Que vás eu não consentirei!

DIKSON (*mostrando lhe o escripto.*)

Mas vê sua ordem terminante.

JENNY.

Eu teus passos impedirei.

DIKSON.

Se a sua cólera arrostar,
Deves temer sua vingança:
De nossos campos cultivar
Perderemos toda a esperança!
Em nossa casa se verá
Caminhar tudo de revez;
A' noite aos diabos pagará
P'ra vir puchar-me pelos pés.

Juntos.

DIKSON E JENNY.

Oh ceos! que se acaba de ler!
Eis pois o momento fatal!
Não posso
Não póde deixar de descer
Mesmo ao domicilio infernal.

JORGE.

Eu não posso comprehender
Como aconteça um caso egual!
Este segredo irei saber
Mesmo ao domicilio infernal.

JORGE. (*só.*)

Socegai já, meus bons amigos:
Deixai de vos atormentar
Com a presença de taes p'rigos!
(*Mostrando Dikson.*)
Quero eu lá ir em seu logar.

DIKSON *e Jenny.*

Oh ceos! assim vos qu'reis expôr!

JORGE.

Julgar-me-hei muita afortunado.

Em livrar-vos deste cuidado.

DIKSON. E JENNY.

Temei dos diabos o furor.

JORGE.

Eu nada temo... sou soldado...

JENNY.

Haveis de querer

JORGE.

E' meu gosto.

DIKSON.

A vida expôr...

JORGE.

Sempre ando expôsto.
Guiar-me agora é o que importa,
Debalde intentais resistir.

DIKSON, *a* JENNY. (*em voz baixa*,)

Pois bem! Vou canduzilo até á porte,
E dentro em pouco torno a vir.

JENNY.

E o baptizado?

JORGE (*alegremente*)

Hei de estar
Aqui muito cedo. Ora vamos!

DIKSON. (*á parte*)

E depois, se o diabo o levar.
Outra vez sem padrinho estamos
Junctos.

JENNY.

E tu, oh fiel advogada!
Oh Dama Branca! o seu destino
Defenderás n'essa morada.

Protege um bravo paladino.

JORGE.

Oh tu, que és a mais linda fada,
Oh Dama Branca, ou diabinho!
A essa mansão tão decaída
Eu marcho como um paladino.

DIKSON

E tu, oh meu anjo da guarda!
Vem livrar-nos d'esse diabinho.
Tremendo estou, ella assustada!
Vellai sobre o nosso destino.

(*Sentem-se trovões.*)

JENNY, (*a Jorge.*)

Vós não ouvis?

Jorge, (*a Dikson.*)

Vem pois!

DIKSON.

Que ouço?!

JORGE.

Vem pois!

Relanpagos e trovões.)

JENNY.

Vós não temeis a horrivel trovoada?

DIKSON.

Meu Deus!
O raio vejo disparar.
Pois o ceo tambem se enfada!
O inferno divêra bastar.

JENNY.

Contra nós vejo o ceo, o inferno!
Tudo hoje assim se vai reunir.

*

JORGE.

Apezâr do poder do Averno
Eu prometti, hei de ir.

DIKSON.

Tudo hoje assim se vai reunir!
(*Parão ostrovões mas continuam os relampagos.*)
Junctos.

JENNY.

E tu, oh fiel advogada! &.ª

JORGE.

Oh tu que és a mais linda fada! &

DIKSON.

E tu, oh meu anjo da guarda! &

JENNY e DIKSON, (*a Jorge.*)

Vôs não sentis?

JORGE, (*a Dikson*)

Vem pois! debalde intentas resistir.

JENNY e DIKSON.

Vòs não sentis?

JORGE.

Vem pois! debelde intentas resistir;
Vem pois! vamos partir.

JENNY e DIKSON.

A tempestade augmenta!

JORGE.

Que importa! hei d'ir!

JENNY.

E tu, oh fiel advogada &

JORGE.

Oh tu, que és a mais linda fada! &.

DIKSON.

E tu, oh meu anjo da guarda! etc.

(*Findo o terceto, sente-se um grande trovão; Jorge sáe conduzido por Dikson; Jenny fica só seguindo-os com os olhos e levantando os braços para o Ceo*).

ACTO II.

O theatro representa uma grande sala góthica; a esquerda do espectador, no primeiro plano, uma grande chaminé; á direita um retrato de familia. Do mesmo lado uma porta, e mais acima uma janella de vidraças.

SCENA 1.

MARGARIDA, *entretida a fiar.*

Copla 1.ª

Desditosa Margarida,
Teus dias 'stão a acabar.
E destes fusos a lida
Dentro em pouco vai parar.

BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORIGENES LESSA"
Lençóis Paulista - SP

Possa inda eu ver meus senhores
No solar de seus maiores:
Antes de morrer será
A mercê que peça aos ceos...
Girai ainda, fusos meus,
Continuai ainda até lá.

2.ª

E tu que sempre lembrado
'Stás aqui, nobre donzel,
Que por mim foste criado,
Pobre Julião d'Avenel;
Inda que eu deva morrer
De alegria por te ver.
Antes de expirar será.
A maior mercê dos Ceos.
Girai ainda fusos meus,
Continuai inda até lá.

(*Levantando-se*) Ora vamos! vamos! não pensemos mais n'isso e larguêmos o trabalho, (*indicando a porta, á esquerda*) pois miss Anna não tarda que não desça do seu quarto.., querida e infeliz orfan, criada por meus afagos, amos! Vendo-a chegar hontem com esse Gaveston, que lhe dérão por tutor pareceu-me que o Ceo tinha attendido a meus votos, e que o meu querido Julião tambem ia voltar... por que, n'outro tempo, andavão sempre juntos... quem via um, via logo o outro... amavão-se tanto, e erão tão galantes, principalmente quando lhes pegava ao collo,

e que a condessa d'Avenel me gritava: „ Margarida, tome sentido! » Deus do Ceo.. se eu tomava sentido! o filho de meus amos, o meu Juliãozinho!.. E então! ahi estou eu, sem querer, voltando á mesma! Isto é como a torre d'Avenel no meio da tapada; de qualquer lado que a gente passeie, sempre a encontra! (*Approximando-se da janella que está meia aberta*) Vamos a fechar tudo ... Oh meu Deus!... eu vi uma luz n'aquellas ruinas.. Sim, parece-me que distingui... Ah! (*tornando a fechar vivamente a vidraça*) seria a Dama Branca?.. a protectora d'este castello ... e acaso me annuncia a sua presença a chegada ou a morte Julião!

SCENA II.

MARGARIDA ANNA, *com uma capa escoceza, e tendo na mão uma lanterna apagada.*

MAG. Quem vem ahi! miss Anna, pallida e tremula ... Que tem minha filha?

AN. (*tirando a sua capa e pondo a lanterna no canto da chaminé*) Nada minha Margarida.

ARG. Eu que a julgava no seu quarto... Então d'onde vem!

Atravessei agora as ruinas.

RG. Deus seja louvado! era então miss Anna

que eu vi ha pouco..., e atreve-se, só, de noite?...

AN. Tambem.... andava eu a tremer... mas é o mesmo... Gaveston saiu agora, e eu queria examinar esse magnifico edificio que está no meio da tapada.... Cheguei até lá, mas não pude entrar.

MARG. Isso creio eu; logo que se soube da morte do conde tudo se fechou, poz-se o sello nas portas, e só ámanhan se ha de levantar depois da venda.

AN. (*á parte*). Oh ceos! que obstáculo!

MARG. Mas que lembrança foi essa de sair a estas horas em vez de vir para o pé de mim que tenho tanto gosto em a ver... pois desde hontem que chegou, apenas tenho podido fallar-lhe..... esse Gaveston não nos deixava.

AN. Tens razão. Estou com outros pensamentos... Perdoa-me, querida Margarida?

MARG. Então por onde andou? que lhe aconteceu depois que esta nobre familia saiu do castello! desde o dia em que miss Anna seguiu a condessa d'Avenel, que o senhor Conde foi reunir se ao exercito dos montanhezes, e em que o meu menino Julião embarcou para a França, com esse aio tão mal encarado, de quem eu desconfiava?

AN. Ai de mim! o companheiro da minha infancia, Julião desappareceu, e ignora-

se o seu destino; seu páe morreu ha pouco em o seu desterro, e a condeça d'Avenel detida por muito tempo n'uma prisão de estado...

MARG. Oh ceos!

AN. Segui-a, Margarida, não abandonei a minha bemfeitora, prodigalisei-lhe os meus cuidados por espaço de oito annos, fiz diligencia por merecer o nome que me dava de sua filha.. mas depois da sua morte, que differença! foi necessario seguir esse Gaveston que me havião dado por tutor... e, n'uma viagem em que o accompanhei ha seis mezes... no continente... tinha-me deixado, por alguns dias, no campo, entregue ao cuidado d'uma de suas parentas.

MARG. E depois!

ANN. E depois!... nem eu sei se te deva contar o mais.

MARG. E quem merece melhor do que eu a sua confiança?

AN. A guerra tinha começado com furor; deu-se uma acçaõ mesmo as portas da quinta em que estavamos... e um militar moço perigosamente ferido... era uma dos nossos soldados... um compatriota... podia eu deixar de o soccorrer?... e demais, deverei confessalo! sem eu querer pensava em Juliaõ.. Julião devia agora ter a sua edade, e dizia comigo: póde

ser que o filho de meus amos esteja egualmente desgraçado e sem soccorro.

MARG. Pois chegou a pensar?..

AN. Socega, não era elle, porque sei o seu nome: mas Gaveston tendo voltado, partimos immediatamente; e desde então, não tornei a ver aquelle official, que tomaria a minha presença por um sonho, e que certamente já se esqueceu de mim....

MARG. Bem quanto miss Anna... eu adevinho, ainda pensa n'elle e talvez lhe quer bem; e isso é o que me afflige.

AN. E porque?....

MARG. Parecia-me que nunca teria querido bem a outro que não fosse Julião:..ao menos tal era o meu pensamento, vinte vezes tenho sonhado com esta união:...

AN. Que ousas dizer? elle.. o herdeiro dos condes d'Avenel. e eu infeliz orfan sem bens, sem nascimento... assim é que eu haviz de pagar o que devo a meus bemfeitores... Não, Margarida: Julião n'outro tempo meu amigo, meu irmão, é hoje meu senhor, meu amo... e como tal que o devemos respeitar, servi-lo e sacrificar-nos, se necessario for, para salvar a sua herança!

MARG. E quaes são os meios?... ámanhan vão ser vendidos os seus bens... outro, que não é elle, vai adquirir seus direitos e principalmente o titulo de conde d'Avenel, e

se Julião ainda existir, se voltar um dia, não será mais que um estranho no castello de seus pais.

AN. Quem sabe? para que se ha de perder o animo? eu tenho boas esperanças.

MARG. Que quer dizer?

AN. Tu o saberás, deixa estar... Estão fechando a porta do castello... entrou agora Gaveston... toma sentido, Margarida: d'aqui a um instante virá talvez alguem dos arredores reclamar a hospitalidade em nome de S. Julião d'Avenel...

MARG. Quem lh'o dice?

AN. Manda-lo-has entrar, e farás diligencia para que se lhe dê este quarto.

MARG. Sim, menina, sim, fique descançada... esperarei por elle toda a noite, se for necessario.. que não farei eu para servir miss Anna e Julião!...

AN. Retira-te... que ahi vem Gaveston!

MARG. Adeus!.... adeus...-minha filha. (*Sáe*)

SCENA III.

ANNA, GAVESTON

GAV. Ah! ah! pois não esta ainda recolhîda no seu quarto?

AN. Bem vê.... Estava conversando com Margarida.

GAV. Que certamente lhe estava contando,

como hontem, historias de almas do outro mundo e da Dama Branca! Sera possivel que miss Anna dê credito a similhantes extravagancias!

AN. Eu!

GAV. Sim: vi a hontem tão sensibilisada e tão attenta quando ella nos contou a historia do rendeiro Dikson e das suas peças de oiro, que na verdade estava com ar de quem acreditava essa aventura... milagrosa.

AN (*Sorrindo-se*) Milagrosa?... não! por que sei melhor que ninguem que é muito verdadeira!

GAV. Ora vamos!

AN. (*Vivamente*) A condessa d'Avenel contou-me muitas vezes esse rasgo de bondade de seu marido, qundo na mesma noite em que partiu; perseguido... vagando n'essas ruinas... ouviu um pobre lavrador que estava a ponto de morrer por falta de uma somma de dinheiro... e foi para não ser reconhecido que lhe atirou com a sua bolsa em nome da Dama Branca d'Avenel... Ah! se todo o sentimento de gratidão não está extincto no coração do rendeiro Dikson... (*á parte*) é esse que me ha de valer.

GAV. Oh! socegue... elle não é ingrato, é um dos fieis crentes da Dama Branca... é elle que anda intrigando com as mulheres

dos arredores, e faz correr a noticia na terra de que hei de ser mal succedido por me atrever a pôr em venda um castello que ella protege... mas isso é o que nós havemos de ver... Acabei agora de cear com Master Mac-Irton, o juiz de paz, e fizemos os nossos arranjos para que o leilão começasse ámanhan ao romper do dia.

AN. (*A' parte.*) Oh ceos! (*Em voz alta*) Por esse modo, o senhor, n'outro tempo, mórdomo d'esta casa, vai ser o proprietario d'ella; vai comprar por baixo preço o dominio e o titulo do seu bemfeitor..

GAV. Escute; miss Anna, bem sabe que não gósto de arrazoados, e que me atenho ao que é positivo; não sou mais que Gaveston o mórdomo, é bem verdade; mas quando o mórdomo Gaveston tiver comprado e pago este solar que dá o titulo de lord e entrada no parlamento, todos os habitantes do districto, tão soberbos e arrogantes, hão de saudar-me humildemente como conde d'Avenel, e bem depressa se esquecêrão de seu antigo donatario; á razão é que estou rico e que elle já o não está; cada qual a sua vez: alem de que, antes da sua partida, o conde d'Avenel tinha vendido bens immensos que possuia em Inglaterra, que fez elle d'esse dinheiro?

AN. Dispendeu-o no serviço do pertendente, como muito bem sabe.

GAV. Duvido... a não ter miss Anna encontrado a prova do que diz no escripto que lhe confiou a condessa d'Avenel.

AN. A mim?...

GAV Sim; quererá sustentar que lhe não entregou nos seus ultimos momentos um papel misterioso?

AN. É verdade...

GAV. E que lhe fez?

AN. Segundo as suas ordens, depois da sua morte, li-o, e como me havia obrigado a dar um juramento de não confiar esse segredo a quem quer que fosse... nem mesmo á mais intima amizade... rasguei essa carta... no mesmo instante.

GAV. E eu a quem os nossos magistrados nomearão seu tutor... poderei perguntar-lhe o que ella continha?...

AN. Não senhor.

GAV. E porque?

AE. Porque nunca o havia de saber.

GAVESTON, (*reprimindo um movimento de colera, e aparte.*)

Recitativo.

Ah!... Reprimir eu devo o meu furor...
De castigar não é chegado o instante.
(*A Anna em voz alta com brandura simulada*)
Não abuseis assim do meu favor,
E recebei um aviso importante.

Aria

Venerais inda a memoria

Dos senhores d'este castello?
(*Com ironia*)
Sentimento nobre e bello!
Que eu não posso combater.
(*Com altivez*)
Mas não haveis esquecer
Tambem o que me deveis!
Os vilões não ajudeis;
Não vos illuda essa gente,
E recordai-vos sómente
De que sou vosso tutor,
Que serei mui brevemente
D'este condado o senhor!

ANNA

Que pensamento cruel!
Quando vivo póde ser
Um herdeiro d'Avenel.

GAVESTON

Vós em mim o podeis vêr!
Tanta esperteza
E tal firmeza
Eu não pensava
N'ella encontrar.
Imaginava
Esta menina
Ser assaz fina
P'ra m'enganar!
Como é ladina
Hoje com ella
Maior cautella
Devo empregar.

ANNA

Eu, senhor, sem faltar ao respeito que lhe devo, o que pertendo é despertar em seu coração sentimentos de gratidão e de justiça, recordar-lhe o que deve a seus antigos amos...

(*Sente-se tocar uma sineta fóra*)

GAVESTON

Mas que estrondo é este?

Dueto e terceto.

ANNA

Foi a sineta da torrinha
Que a meus ouvidos retiniu!

(*A' parte em quanto Gaveston vai ver á janella*)

Quem eu espero a ordem minha,
Como eu desejava, cumpriu.

GAVESTON.

E' meia noite! e lá de fóra
Quem poderá vir a tal hora?

ANNA

Algum viajante sem abrigo.

GAVESTON

Pois escusa contar comigo!

ANNA

Em seu favor hei de fallar!
Vós que desejais o logar
Dos senhores desapossados
Deveis usar de egual maneira!
Se inda hoje são tão respeitados
E'que sua porta hospitaleira

Sempre se abria aos desgraçados.
(*Gaveston afasta-se sem lhe dar resposta.*)
Junctos.

ANNA, *á parte*

Duvída... quem poderia
Vencer tal resistencia?
Todos os meus projectos
Destróe sua prudencia.

GAVESTON.

Eu me arrependeria
D'esta condescendencia;
P'ra manter meus projectos
E'preciso prudencia.

SCENA IV.

Os mesmos, MARGARIDA.

MARGARIDA.

Um lindo moço e de boa figura;
P'ra se abrigar durante a noite escura,
Asilo vem pedir com modo brando,
A São Julião d'Avenel invocando.

ANNA, (*á parte*).

Bem tinha eu dito! é Dikson.. certamente!

MARGARIDA.

Mandei-o entrar naquelle quarto ao lado!

GAVESTON.

Sem me haver consultado?
Em fazer tal fostes muito imprudente!
E lhe direis que saia incontinente!

ANNA.

E vós ousais? Já tendes adquerido
N'este paiz muito e muito inimigo!
Ser amado não desejais?

GAVESTON.

Licença tem p'ra me odiarem mais!

ANNA.

Pois consenti que asilo se lhe off'reça,
E occulto a vós amanhan não será
O escripto que me deu
Noutro tempo a condessa.

GAVESTON. (*vivamente*)

E vós jurais..!

ANNA.

Prometto desde já.

GAVESTON.

No que pedis far-vos-hei a vontade;
A ser amado eu quero começar.
Que elle entre pois!

MARGARIDA.

Oh meu Deus! que bondade!

GAVESTON.

Para onde ha de ir?

ANNA E MARGARIDA.

Aqui póde ficar.

GAVESTON.

Sim! mas dahi quero-as ver retirar.

Juntos.

ANNA.

Pensei que não vencia
A sua resistencia:

Ajuda meus projectos,
Celeste Providencia!

GAVESTON.

Eu sei que não devia
Ter tal condescendencia,
Mas serve aos meus projectos.
Esta beneficencia.

MARGARIDA.

Valha-nos neste dia
A sob'rana clemencia.
(*Indicando Anna.*)
Ajuda os seus projectos,
Celeste Providencia!

(*Anna sae pela porta da direita, e Jorge entra pela porta do fundo*)

SCENA V.

GAVESTON, JORGE, MARGARIDA.

MAR. Entre, entre, meu senhor: peço desculpa de o ter feito esperar!

JOR. Ainda bem, respeitavel mulher; estava entretido a admirar este antigo edificio... Que soberbo castello! que bellas abobedas! Até essas ruinas que atravessei para chegar aqui.... tudo é admiravel! (*Vendo Gaveston*) Queira perdoar não o ter logo cumprimentado... é certamente ao senhor que devo a hospitalidade.

GAV. Sim-senhor. (*aparte.*) Agora me lembra... e se este homem fosse um comprador,

BIBLIOTECA MUNICIPAL ORIGENES LESSA
Lençóis Paulista - SP

algum poderoso capitalista que viesse para lançar no leitão! (*em voz alta*) A quem tenho eu a honra de receber em minha casa?

JOR. Um official de sua magestade, segundo tenente do decimo quinto d'infantaria.

GAV. (*áparte*) Um segundo tenente! posso estar descançado. (*em voz alta*) O senhor, pelo que vejo, não é Escocez?

JOR. Não por certo, nunca vim a este paiz; e não posso explicar-lhe o effeito que em mim produziu a vista deste antigo edificio.

GAV. E como se achou a semelhante hora á porta deste castello?

JOR. Como?... nem eu sei muito bem... mas tenho idéa que é para o obsequiar.

GAV. A mim!

JOR. Ao senhor mesmo! Outro qualquer poderia dizer-lhe que era por causa da noite e do mau tempo.... mas isso não é assim, e eu, como militar, digo sempre a verdade.

GAV. Sempre?

JOR. Sim senhor, mesmo em amores, tenho uma tal franqueza!... Não é porque no regimento me não digão que o meu genio hade causar me prejuizo, e atrazar a minha promoção, porem isso fica por minha conta.... Voltemos ao seu caso.. n'este districto não ouço fallar n'outra coisa senão em sortilegios, em appariçõe da Dama Branca, e quero passar a noite n'este castello para me achar de cara a cara com ella.

GAV. Se não é mais do que isso, não se arrisca a muito, porque elia não trata de se mostrar.

JOR. Julga assim... pois está muito enganado, porque me convidou para uma conferencia...

GAV. (*rindo.*) Uma conferencia? (*A'parte.*) Ora vamos, isto é algum extravagante cujas ideias não estão lá muito claras. (*Em voz alta.*) Adeus, meu official, je deu meia noite ha muito tempo, e não tenho remedio senão deixalo, visto que ámanhan hão de acordar-nos antes de romper o dia.

JOR. E para que?...

GAV. Para ter tudo prompto, pois de madrugada ha de vir muita gente ao castello... negocios importantes... Vão fazer-lhe uma cama n'este quarto.

JOR. Para mim? não se lembre de tal. Esta cadeira é muito bastante; ficarei aqui melhor que n'um piquete ...além de quê as almas do outro mundo que eu espero podem muito bem ser contrabandistas ou montanhezes do bando de Rob-Roy, e quero estar de pé para os receber...

GAV. Então adeus!... boa noite, (e principalmente boa fortuna; mas se vir a Dama Branca d'Avenel, diga lhe da minha parte... (*vendo Margarida, que desde o principio da scena está olhando para Jorge com muita attenção.*) Então! que mo-

tivo tens para estar assim, ha uma hora, a olhar para o senhor!...

MAR. Nenhum... mas tem ar de ser um honrado moço; não sei por quê, estou gostando de o ver.

GAV. Ora vamos... vamos para dentro que já é tarde.

MAR. (*mostrando a Jorge a alampada que tem na mão.*) Quer que lh'a deixe ficar!

JOR. Nada, nada; as almas do outro mundo não gostão de luz, mette lhe medo. A'manhan, meu querido patrão, póde estar certo que lhe hei de dar noticias, ainda que sejão do outro mundo.

(*Gaveston e Margarida saem pela fundo, e sentem-se fechar as portas.*)

SCENA VI.

JORGE, SÓ.

Noite completa. Durante o ritornello da ária seguinte, Jorge vai accender o lume que está a apagar-se, poem as suas duas pistolas em cima da mesa, &.

Devo observar, escutar...
Depois esperar.
Cavatina.
Vem gentil senhora!
Aqui, n'esta hora
Tua voz me chamou.
Corro a teu mandado,

Duende adorado.
Vem pois! Aqui'stou.
O caso é muito serio;
Porem este mysterio
E'p'ra mim um favor!
Sim, bem sei que em te vendo,
Hei de ficar tremendo,
Mas não será de horror.
Vem gentil senhora &.
A noite já p'ra encanto
Parece abrir seu manto.
Como tarda a appar'cer!
O peito d'impaciencia
Palpita com violencia
D'esp'rança e de prazer.
Chega pois!... Aqui'stou.
(*Sente se um preludio de harpas.*)
Que ouvi eu?!
(*Escuta com attenção.*)
Vem, gentil senhora,
Vem! aqui'stou!

SCENA VII.

JORCE, ANNA.

(*Anna entra por uma porta falsa, á direita, que gira sobre um piâo.*)

JOR. Não... não é uma illusão... é ella mesma! distingno, apezar do escuro, seu andar ligeiro e seus vestidos brancos.

AN. (*á parte.*) E'elle! Atrever-se-ha a seguir-

me? sim; — se não for por gratidão, ao menos será por temor da Dama Branca!

JOR. Vai-se approximando....

AN. Dikson... Dikson, és tu?

JOR. Não, não é elle... mas venho eu em seu logar

AN. Oh ceos! e quem sois vós?

JOR. Pois tu, mágica portentosa, não sabes o meu nome?

AN. Oh meu Deus! que voz é esta?

JOR. Será necessario dizer-te que me chamão Jorge Brown?

AN. Jorge... n'estes logares! será isto um sonho! (*dando um passo para elle.*) Ah! se me atrevesse... (*suspendendo se.*) não... nem mesmo com elle devo... esquecer o meu juramento!

JOR. (*escutando.*) E então! Ella cala-se... bem!

AN. Fizeste muito bem em me não enganares, porque eu sei tudo, julgas acaso que não conheça Jorge Brown, segundo tenente ao serviço d'Inglaterra?

JOR. Que espanto! não estou em mim!

AN. No Hanover... na batalha de Hastembek, onde te distinguiste... foste ferido ao lado do teu coronel....

JOR. Oh ceos!...

AN. Uma desconhecida mão te restituiu á vida... prodigalisou-te os maiores desvelos...

JOR. (*caminhando para ella.*) Já é muito, e seja qual for este mysterio....

AN. Suspende!... ou desappareço a teus olhos, e nunca mais me tornarás a ver.

JOR. Obedeço! mas tem piedade da minha perturbação; essa divindade protectora que cuidou de mim... onde está ella! ha tres mezes que debalde a procuro... por toda a parte me parece vêla e ouvila... N'este momento mesmo, não sei se é uma illusão... mas julgo reconhecer a sua voz....

AN. Póde ser que eu a tomasse para te agradar...

JOR. Se és ella mesma.... Isso não sei eu mas quem quer que sejas, dá-me os meios de a ver.....

AN. Isso está na tua mão!

JOR. (Que devo eu fazer! onde deverei seguir-te?.

AN. Seguir-me... (*A'parte.*) Oh! agora já me não atrevo... e devo mudar de projecto. (*Em voz alta.*) A'manhan receberás as minhas ordens... e sejão ellas quaes forem...

JOR. Juro sujeitar-me a ellas! Fada,... mágica... ou Dama Branca... por ti me sacrifico. Para tornar a ver aquella a quem amo e possuila, julgo que, se fosse necessario, a ti mesmo me entregaria.

AN. Não seria talvez um meio muito mau.... porem não é isso que te eu peço. Escuta-me.

Recitativo.

Este solar pertence
Aos condes de Avenel.

Um ávido mórdomo,
Um coração cruel,
D'elle os quer despojar;
Porem minha justiça
Protege o desamparo
E confunde a cubiça.
Falla! queres tambem
Meu projecto ajudar?

JORGE.

E'sempre o meu dever
A desgraça amparar.

Dueto.

ANNA.

Sujeito a mim sem resistencia,
Deverás jurar....

JORGE.

Jurar?

ANNA.

Tudo cumprir.

JORGE.

Tudo comprir!

ANNA.

Sujeito a mim sem resistencia,
Deves jurar tudo cumprir.

JORGE.

Eu te prometto obediencia.
Em que te posso então servir?

ANNA.

Promettes pois obediencia?

JORGE.

Eu te prometto obediencia,

Em tudo te juro servir.

ANNA.

D'essa promessa e teu valor
Ousarás tu dar-me um penhor?

JORGE

Falla!

ANNA.

Posso exigir de ti
Que me dez a mão

JORGE (*desviando a cabeça*).

Eila aqui!

Junctos

ANNA

Deverei de paixão tão bella
Temer o poder seductor.
P'ra fugir deste amor
Grato ao meu coração,
Vou manter a illusão.
Deverei de paixão tão bella
Temer o poder seductor.

JORGE.

Esta mão, esta mão tão bella,
Meu peito faz palpitar d'amor.
Se isto é sonho enganador.
Conservai a illusão
Grata ao meu coração.
Esta mão. esta mão bella,
Meu peito faz palpitar d'amor.

ANNA, (*retirando-se.*)

Adeus!

JORGE. (*detendo-a*)

Suspende!

ANNA. Oh ceos!
Com estou assustada!
Que pertendeis!

JORGE.

Dizer ha pouco eu te ouvi
Que encontraria a minha amada.
Onde hei de vêla?

ANNA. Mesmo aqui.

JORGE.

Como?

ANNA

Pois bem! a tua amante
A'manhã mesmo aqui virá
Com a minha ordem terminante.
Assim o teu dever será
Obedecer.

JORGE.

No mesmo instante.
Mas isto promettes cumprir?

ANNA.

Sim; eu prometto que ha de vir.

JORGE.

Estou bem certo em teu favor;
Mas eu tambem quero um penhor.
Posso exigir de ti?...

ANNA

O que?

JORGE.

Que me dês a mão!

ANNA.

A mão?

JORGE.

A mão!

ANNA.

A mão? Eila aqui!

Junctos.

ANNA.

Deverei de paixão tão bella &

JORGE.

Esta mão, esta mão tão bella &

(*Anna passa por traz delle; torna a entrar pela porta á direita, e ouvem-se os mesmos sons de harpa que se ouvirão á sua chegada. No fim do dueto, batem á porta do fundo, e correm os ferrolhos.*)

JOR. Ella se afasta... Já desappareceu. E não ousei seguir seus passos.

SCENA VIII.

JORGE, GAVESTON.

GAV. Meu official.... vai amanhecendo.

JOR. Pois já....

GAV. Julgo que o vim acordar....

JOR. Ah! Sim!... d'um lindo sonho... se é que o era.

GAV. E então! como passou a noite?

JOR. Uma noite muito agradavel posto que alguma coisa agitada... porque, pela minha honra, não tive tempo de dormir.

GAV. Entendo; foi perseguido pela lembrança da Dama Branca?

JOR. A sua lembrança?.... muito melhor do que isso.

GAV. Que quer dizer?

JOR. Olhe, meu querido patrão, como o senhor e outros muitos incredulos vão provavelmente escarnecer de mim sou eu o primeiro a começar; dir-lhe hei pois confidencialmente que, a datar do dia de hoje, declaro-me o campião da Dama Branca.

GAV. Dar-se-ha caso que a visse?

JOR. Não.... não a vi... mas passei uma hora em sua companhia... uma conversação encantadora, d'um genero excellente, o que provaria que no outro mundo ha muita boa sociedade.....

GAV. Ora... ha de permittir que lhe pergunte se tem a certeza de estar em seu juizo perfeito?

JOR. Na verdade.... tambem lhe perguntarei o mesmo.... por que a tal respeito ja me não fio muito em mim.

GAV. Mas eu supponho que não crê na Dama Branca.... é impossivel.

JOR. Tem razão, é impossivel.... penso do mesmo modo, não creio; mas estou namorado d'ella....

GAV. Namorado da Dama Branca?

JOR. Vem a ser d'ella ou da minha desconhecida; de ambas talvez, isso lhe não posso eu dizer com exactidão.... Mas a proposito, devo prevenilo de que o senhor não

está no seu agrado, trata-o muito mal.

GAV. A mim! ....

JOR. Allega .... porem, é ella que o diz, que o meu patrão é um homem injusto .... ambicioso .... interesseiro .... que na venda a que se vai proceder hoje pela manhã, pertende ser o comprador ..... para despojar seu antigo amo?

GAV. Pois poderião suppôr ....

JOR. Não se affija.. diz ella que ha de ficar illudida a sua esperança e que ha de impedir qve a herança dos condes d'Avenel vá cair nas suas mãos.

GAV. Ah! a Dama Branca diee lhe isso?

JOR. São pouco mais ou menos as suas proprias palavras.

GAV. Pois bem! o resultado provará qual de nós tem mais poder, se eu ou ella .... porque d'aqui a uma hora, ha de ser minha esta rica herdade ... Olhe ... olhe ... não vê no pateo do castello M. Mac-Irton, o juiz de paz, que deve presidír a esta venda, e grande parte dos habitantes do districto que vem assistir a ella?

JOR. Isso é negocio seu ... arranje-se como puder, ... eu, vou dar uma volta pela tapada em quanto me não chegão as ordens da senhora invisivel, pois prometteu que m'as havia de mandar.

GAV. Devéras?

JOR. Sim, por um mensageiro encantador!

pela minha formosa desconhecida, que eu desejo anciosamente ver apparecer....

GAV. (*á parte.*) Ora vamos... eu a principio suppunha-lhe segunda tenção... mas decididamente; tem o juizo perdido. [*Em voz alta*] Mas diga-me, meu official, por que se não deixa ficar? poderá ver por seus proprios olhos quem tem razão, se a Dama Branca, se eu.

JOR. A dizer a verdade... isto é um espectaculo como outro qualquer.. eu nunca asssti a uma venda em hasta publica.

GAV, Nunca.

JOR. Não, certamente... e tinha razão para isso.

GAV. Pois assente se n'um dos primeiros logares.

SCENA IX.

JORGE, GAVESTON, DIKSON, MARGARIDA, JENNY; Chôro de Rendeiros e de Vassallos, Mulheres do aldèia, depois MAC-IRTON e Officiaes de justiça; depois ANNA.

Choro.

A triste dia nós chegamos!
Odiosa venda e lei cruel
Vão despojar os nossos amos
Do seu condado d'Avenel.

MARGARIDA.

Oh ceos! não cumpris meu desejo!
Chegou pois o instante fatal.

JENNY, (*a Jorge*)

Sois vós, senhor, que eu aqui vejo!

JORGE, (*a Jenny*)

Sois vós que eu ainda vejo!

DIKSON, (*a Jorge*)

Sois vós que ainda vejo!

JENNY E DIKSON.

Então! o mysterio infernal

JENNY E DIKSON.

Que vistes pois?

JORGE.

Sabêlo-heis.

JENNY.

Que vistes pois?

DIKSON.

Contai nos isso.

JORGE (*a Jenny*)

Elle fez bem, elle fez bem
Em acceitar o meu serviço:
Pois morreria de pavor.

JENNY E DIKSON.

Que dizeis?

JORGE, (*a Dikson*)

Morrerias de pavor.

DIKSON.

Vês tu, mulher, tu que horror!

JENNY, [*vendo Mac-Irton*]

Mas é calar! tomar sentido!

DIKSON.

Mas é calar! tomar sentido,
Que é chegado esse homem capaz,
Mac-Irton, nosso juiz de paz.

[*Entrão Mac-Irton e todos os officiaes de justiça, e vão assentar-se á roda d'uma mesa, no meio do theatro. Gaveston fica á esquerda, pouco afastado de Mark-Irton. A' direita, no primeiro plano, Jorge está assentado n'uma cadeira de braços; Dikson no meio de todos os rendeiros.*)

DIKSON, (*depois da entrada dos officiaes.*)

Oh! silencio! silencio!

JENNY, MARGARIDA e os Rendeiros (*entre si*)

Eu tremo! eu tremo!

OS RENDEIROS, (*em voz baixa a Dikson.*)

Sabes quaes são os teus deveres?
Tua prudencia vais mostrar.

DIKSON, [*em voz baixa aos rendeiros*]

Nada tendes que recear;
Usarei dos vossos poderes,
Sei que lanço posso cobrir.

MAC-IRTON

Eu a sessão já vou abrir.

JENNY, MARGARIDA, DIKSON, GAVESTON, *a choro.*

Como ha de vir isto a acabar?

MAC-IRTON, [*levantando-se. e lendo*]

Recitativo.

Nós em nome do Rei
E com solemnidade,

Vos fazemos constar
Que vamos proceder
A' venda d'esta propriedade,
Em publico leilão,
A quem mais offerecer,
Té arrematação fazer.
Nós temos lanço dor
Para escudos dez mil.

TODOS, (*menos Gaveston e os officiaes.*)
Pois só dez mil! Que horror!

[*Um porteiro accende uma pequena vela a cada uma das hastas.*

DIKSON.
Offereço quinze.

GAVESTON.
Vinte!

DIKSON.
Mais cinco.

OS RENDEIROS, (*em voz baixa a Dikson*)
Dikson, sabes o teu dever.

GAVESTON.
Trinta!

DIKSON
Mais cinco!

GAVESTON
Quarenta

MAC-IRTON, (*proclamando*)
Escudos quarenta mil!

DIKSON.
Pois bem! quarenta e cinco

GAVESTON.

Pois bem! cincoenta!

DIKSON.

Eu mais cinco!

GAVESTON.

E eu lançarei sessenta!

MAC-IRTON, [*proclamando*]

Escudos sessenta mil!

GAVESTON, [*á parte olhando para os Rendeiros.*]

Não sabem o que hão de fazer!

OS RENDEIROS (*em voz baixa a Dikson*)

Vá mais! vá mais ainda!

DIKSON, (*aos Rendeiros*)

Pois não dais a coisa por finda.

OS RENDEIROS.

Vá mais! vá mais ainda!

DIKSON.

Pois bem! vão mais cinco

GAVESTON.

Setenta mil!

DIKSON.

Oitenta e cinco!

GAVESTON.

Noventa mil!

TODOS, [*menos Gaveston e os officiaes*]

Ceos! que ha de ser!

GAVESTON, [*com mysterio, á parte*]

Lanção debalde, vencerei,
Proprietario ficarei.
Não sabem o que hão de fazer.

JENNY, MARGARIDA, e as Raparigas.

Eu já não tenho mais esp'rança,
Os nossos não podem vencer.

DIKSON.

Eu já não tenho mais esp'rança!
O Choro
Eu já vou perdendo a esp'rança!
[*A Dikson.*]
Lançar ainda mais deveis!

DIKSON. (*nos Rendeiros*).

Pois vós quereis?....
Os Rendeiros!
Lançar ainda mais deveis!

DIKSON.

Pois bem! noventa e cinco!

GAVESTON.

Eu, escudos cem mil!

JENNY, MARGARIDA, JORGE, os Vassallos, e as Raparigas.

Oh ceus! tudo se perdeu!

DIKSON.

Que farei? tudo se perdeu!
É mister desistir.

Os Rendeiros.

Oh ceos! sempre venceu;
Já se não póde este lanço cobrir.

Mac-Irton, (*proclamando o lanço*)

Já dão cem mil escudos!
Não ha quem lance mais?

Todos.

Não ha quem lance mais!

GAVESTON (*a Jorge*).

Então o que pensais?
Fallai, meu charo amigo?
N'obstante a Dama Branca
É seu grande favor,
Vendo estáis que a final sou vencedor.

JORGE.

Julgo que tem muita razão,
E a senhora invisivel não.
Todos, (*menos Gaveston e Mac-Irton*)
Nada mais podemos esp'rar.

GAVESTON.

A vela está quasi a acabar;
Do condado vou ser senhor.
(*Anna saiu do gabinete.*)

JORGE,

Oh! ceos! quem póde ser o lançador?
(*N'este meio tempo Anna, que tinha saído do gabinete, á direita, approximou-se de Jorge sem ser presentida, conserva-se atraz d'elle, e diz lhe então a meia voz*)
Tu!

JORGE.

Que vejo! oh que prazer!
Minha amada torno a ver,
Como Dama promettia!

ANNA, (*a meia voz*)

Tu bem sabes quem m'envia?

JORGE.

Pois vós quereis?...

ANNA

Cumpre o teu juramento!

MAC-IRTON.

Não ha quem lance mais?

JORGE.

Suspendei um momento!
Lançarei quinhentos mais.

Todos. Oh ceos!

(*Momento de silencio.*)

Juntos.

GAVESTON.

Oh ceos! qual será o intento
D'este novo comprador?
Veio aqui p'ra meu tormento
Nada eguala o meu furor!

MAC-IRTON.

Oh ceos! qual será o intento
D'este novo comprador?
Veio aqui p'ra seu tromento,
Nada eguala o seu furor!

JORGE.

Não sei qual é seu intento
Nem o que deva suppôr!
(*Olhando para Anna*).
Mas vejo-a n'este momento,
Que mais quer o meu amor?

ANNA, (*em voz baixa a Jorge*).

Obedece ao mandamento
De quem sabes; e favor
Se promette ao teu intento ....
E tambem ao teu amor.

DIKSON, MARGARIDA JENNY *e os Choros.*

Vem livrar-nos do tormento

Este novo comprador;
Deus proteja o seu intento,
Elle seja o vencedor!

GAVESTON.

Pois bem! já que é mister....

Todos.

Eu já 'stou a termer.

GAVESTON.

Sim! lanço quinhentos mais.

JORGE.

Dois mil!

GAVESTON.

Tres!

JORGE.

Quatro!

GAVESTON.

Cinco!

JORGE. Seis!

ANNA. (*em voz baixa a Jorge*).
Sempre assim, sempre assim!

GAVESTON.

Sete!

JORGE.

Oito!

GAVESTON.

Nove!

JORGE. Dez!

ANNA. (*em voz baixa a Jorge*).
Sempre assim! não tem p'rigo.

GAVESTON (*á parte*).
Eu já estou enraivecido!
Não posso conter meu furor.

TODOS.

Como está enraivecido!
Não póde conter seu furor.

GAVESTON.

Eu quinze mil!

ANNA, (*em voz baixa a Jorge*).

Não percas o valor.

JORGE.

Vinte mil!

GAVESTON.

E eu trinta!

ANNA, (*em voz baixa a Jorge*)

Vá mais!

JORGE.

Pois vão quarenta!

GAVESTON.

Eu lançarei cincoenta!

ANNA. (*como acima*).

Ainda mais,

JORGE.

Eu sessenta!

GAVESTON.

Chegarei a sessenta e cinco?

ANNA, (*como acima*).

Va mais

JORGE.

Mais dez: setenta e cinco!

GAVESTON

Não contenho o meu furor!

JORGE, ANNA, JENNY, MARGARIDA, DIKSON, os chóros

Conter não póde o seu furor!

ANNA, (*como ácima*)
S'tou satisfeita, haja valor!
Os *choros*.
Como está enraivecido!
GAVESTON, (*á part.*)
Em tudo vejo perdido!
Pois bem! oitenta lançarei!
JORGE, (*indo lançar*)
Pois eu!...
GAVESTON, (*caminhando para elle*)
Alto lá! suspendei!
Eu devo illuminar
Este moço imprudente;
Não sabe o que vai arriscar.
[*A Mac-Irton*]
Senhor queira ler a lei!
MAC-IRTON, [*lendo*]
O preço d'esta venda,
Em sendo meio dia,
Entregue em nossas mãos
Ha de ser, quando não,
Por falta de fiança
E boa garantia...
GAVESTON.
Vós entendeis?
Será o comprador
Conduzido a prizão.
JORGE.
A' prizão!
ANNA, [*em voz baixa*]
Não importa.

JORGE, [*á parte*]
Então se assim convem
[*Em voz alta*]
Escudos duzentos mil!
Todos
Escudos duzentos mil!
GAVESTON.
Oh raiva.
ANNA.
Muito bem!
Estou satisfeita.
GAVESTON.
Eu cedo.
MAC-IRTON, [*proclamando*]
Escudos duzentos mil!
Não ha quem lance mais?
JORGE, [*a Gaveston com ironia*]
Que vos parece? Agorà não fallais?
Deveis convir então
Que a Dama Branca tem razão.
GAVESTON.
Oh raiva!
MAC-IRTON. (*a Jorge*)
Seu nome? e profissão?
JORGE
Jorge Brown, e sou tenente;
Trinta escudos por mez sómente...
Todos.
E' possivel!
JORGE.
E não podem dizer

Que me meito em folias,
Pois me dão um solar
Minhas economias.

TODOS, [*olhando para a vela*]
A véla está mesmo a acabar.

MAC-IRTON, (*em voz baixa a Gaveston*]
Bem vê; sou obrigado a arrematar.
(*Apaga-se a véla*) *a Jorge.*
Parabens!

Junctos.

ANNA.
Deus queira neste momento
Dar-me soccorro e valor;
Salvar os bens eu intento
Ao filho d'um protector.

JORGE.
Não comprendo o seu intento
Nem sei que deva suppôr;
Mas vejo-a n'este momento
Que mais quer o meu amor!

MAC-IRTON e GAVESTON.
Vem torcer o $\frac{\text{seu}}{\text{meu}}$ intento
Este novo comprador;
Vem causar o $\frac{\text{seu}}{\text{meu}}$ tormento
Mas trema do $\frac{\text{seu}}{\text{meu}}$ furor

JENNY e MARGARIDA.
Chegou o feliz momento
De termos um protector;

Deus ajudou seu intento.
[*A Jorge*]
Viva, viva meu senhor!
DIRSON, e os CHOROS.
O ceo fez neste momento
Escolha a nosso favor;
Temos a nosso contento
Um bom e digno senhor.

ACTO II.

O Theatro representa uma rica sala gothica, uma porta no fundo, por cima da porta uma galeria que occupa todo o fundo do theatro, e á qual se sóbe por duas escadas lateraes: no fundo d'estas escadas, quatro pedestaes, dos quaes só trez sustentão estatuas; á esquerda dos espectadores, no primeiro plano, uma pequena porta occulta.

SCENA I.

ANNA, SÓ.

[*Chega apressadamente, e durante o ritornello, olha com alegria e admiração para a sala em que se acha.*]

Recitativo.

Por fim vos torno a ver,

BIBLIOTECA ... "ORIGENES LESSA"
... Paulista - SP

Oh venturosa estancia!
Que recordais a minha infancia.
(*Com invocação*)
E vós, meus nobres protectores!
Que, lá dos céos, não tendes consentido
Que este solar e bens
De vosso filho qu'rido,
Fosseu cair nas mãos
Dos infames traidores...

Aria.

Como n'esse tempo antigo,
Hoje os meus passos guiareis;
Como n'esse tempo antigo,
Olhai por mim, não me desampareis!
Este palacio tranquillo
Faz recordar meu coração,
Que outr'ora, neste nobre asilo,
O nome ouvia de Julião.
Julião, Julião, nunca esquecido
Serás do echo fiel,
Nem do meu coração.
Nunca esquecido
Serás nobre donzel.
D'essa ventura o nobre asilo
Faz recordar meu coração.
Ah! como n'esse tempo antigo,
Hoje os meus passos guiareis:
Como nesse tempo antigo,
Olhai por mim, não me desampareis!
D'essa ventura o nobre asilo

Faz recordar meu coração;
Tudo recorda Julião.
Julião, nunca esquecido
Serás do echo fiel;
Nunca esquecido
Serás nobre donzel, &c.

SCENA 11.

ANNA, MARGARIDA.

AN. Ah Margarida! estava esperando por ti...

MARG. Entrei agora assim como miss Anna, no castello de cujas portas levantou o sello mister Mac-Iton..... E então, menina! ahi tem essas magnificas salas que tanta vontade tinha de ver... Foi n'este palacio que eu a criei, assim como ao meu querido Julião, até á edade de seis annos... Mas dá-me ao menos a certeza de que não foi por sua conta que sir Jorge comprou esta propriedade?

AN. Não... foi para a restituir a seu verdadeiro dono!.. Quem havia de lançar! eu não podia... sendo ainda menor e pupilla de Gaveston... Por fortuna, veio acudir-nos Jorge Brown...

MARG. Sir Jorge então muito rico... porque em fim deve hoje mesmo, ao meio dia... pagar os duzentos mil escudos, aliás julgar-se-ha a venda nulla...

AN. Dir-te-hei, aqui em segredo, que elle

nada possue... mas que conta comigo.

MARC. Com miss Anna!

AN. Sim... Ora dize me, Margarida tu que por dilatado tempo habitaste o castello, deves lembrar-te do logar em que se acha a estatua da Dama Branca; porque em todos os quartos que tenho corrido, ainda a não pude descubrir... e eis o motivo porque desejava que viesses.

MARG. Ella estava na sala do docel... a dos cavalleiros.

AN. Então!... é esta mesma!

MARG. Pois era alli... á direita. (*Vendo o pedestal*) Oh meu Deus! a estatua desappareceu!

AN. Oh ceos! estamos perdidas, e desvanecêrão-se em fumo todos os meus projectos.

MARG Que diz!

AN. Que mesmo aqui... n'este castello, estava toda a riqueza da familia de Avenel:.. o valor d'esses béns immensos, vendidos em Inglaterra, é que se calculava em dois ou tres milhões.

MARG. Poderoso Deus!...

AN. Eis o segredo que me foi confiado pela condessa de Avenel... »Anna, me dizia ella »na sua carta, se algum dia Julião tornar »a apparecer na Escocia, annuncia-lhe que »no castello novo de Avenel, e dentro da »estatua da Dama Branca, achará um co-

» fre de ébano que contem, em ordens do » banco, a fortuna de seus paes. »

MARG. (*com afflicção*) E á estatua desappareceu!...

AN. Sim, mas como? porque ninguem podia penetrar nestes logares. Consulta bem a tua memoria, Margarida; não tens alguma idéa, alguma recordação?...

MARG. Ora espere... lembra-me que em a noite da partida do conde d'Avenel...

AN. Falla depressa...

MAR. Era já tarde, e eu saía do castello por uma passagem occulta, só conhecida da familia da casa, quando sinto passos lentos e compassados, escondo me a traz d'um pilar... e apezar da nôite, que era das mais escuras, vejo a estatua da Dama Branca que descia vagarosamente a escada.

AN. Julgaste vêla.

MRA. Não senhora, vi-a muito bem, e o coiteiro, a quem referi o caso no dia seguinte, respondeu-me: E' muito justo; a Dama Branca abandonou o castello porque se retirão os senhores de Avenel... não voltara senão quando elles vierem!

AN. Ou antes, e esse é o meu receio, alguem que a obscuridade te não deixou distinguir, a terá levado para se apoderar das riquezas que n'ella estavam encerradas...

MARG. Não-miss, não; ella sumiu-se na parede ao pé da passagem occulta.

AN. Que passagem? poderias tu reconhecêla?.

MARG. De que serviria isso?... por mais que faça, a estatua não volta senão quando vier Julião.

AN. Não importa; reconhecerias tu essa passagem!

MARG. Não o afianço... o que me lembra só é que tinha uma saída para esta sala; mas em todo o caso eu nunca lá irei.

AN. Pois eu sim; anda, guia meus passos, é só o que te peço.

MAR. Porem, miss Anna, espere lá, eu não posso seguila.

AN. (*arrastando-a*) Olha que vem gente, e não quero que nos vejão.

(*Saem ambas pela porta á esquerda.*)

SCENA III.

JORGE, Rendeiros, Aldeões, Habitantes d'Avenel.

Choro.

Viva p'ra sempre este novo senhor!
De todos nós vai ser o protector.

JORGE (*entrando á parte*).

Vamos... alegre acceitar homenagem
Como senhor; fazer o meu logar.
(*Aos componezes.*)
De valer tanto eu não tenho a vantagem
Como os barões d'este nobre solar.
(*Olhando em roda.*)

Ceos! que estou eu a ver?

Choro. Mas que tem elle?

JORGE.

Esses tectos doirados...
Esses paineis... cavalleiros armados;
Aonde estou?... que devo eu crer!
Tudo vi... não sei quando.....
E' para endoidecer!

Junctos

JORGE.

De que procede esta manía!
Meus olhos estão illudidos!
Dama Branca..... é tua magia
Que vem perturbar meus sentidos?

Choro.

Vendo esses mármores polidos,
Estas salas, 'stão de alegria
Transportados os seus sentidos.

(*Algumas raparigas vem offerecer a Jorge as chaves do castello, e n'essse meio tempo o choro começa o canto seguinte.*)

Choro.

Entoar deveis menestrel
Canção d'amor e guerreira!
Eis vem chegando a bandeira
Dos cavalleiros d'Avenel.

JORGE, (*Sensibilisado.*)

Que estribilho ouvi eu??..

Chôro.

Cantão d'esta maneira
Os da tribu d'Avenel

*

BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORIGENES LESSA"
Lençóis Paulista - SP

JORGE.

Oh momentos d'encanto!
Onde pude eu vir
Um som, que a meu pezar,
Dos olhos faz correr o pranto!
Choro (repetindo.)
Entoar, deveis menestrel, &.

JORGE, (*suspendendo-os.*)

Suspendei... talvez possa acabar:
Tra, la, la, la, la, la.
(*Enganando-se.*)
Não, não, inda não vai lá.
(*Entoando novamente.*)
Tra, la, la, la, la, la.

Juntos.

Choro.

Do paiz os cantos antigos
Ouvindo está com alegria;
Elle os deseja repetidos.

JORGE

De que procede esta mania?
Meus olhos estão illudidos?
Dama Branca... é tua magia
Que vem perturbar meus sentidos!

JORGE, (*alegremente.*)

N'este castello a tdos quero eu,
Pois hade ser tão vosso como é meu!
As mesas já debaixo da parreira.
Choro
As mesas já debaixo da parreira.

JORGE.

Jógos e dança hão de já começar.

Choro.

Jógos e dança hão de já começar.

JORGE.

P'ra cada moça um noivo se ha de achar.

Choro de Raparigas.

P'ra cada moça um noivo se ha de achar.

JORGE [*á parte.*]

Tudo apesar quero d'esta maneira,
Pois isto é sonho, e vou logo acordar...

Todos.

Viva p'ra sempre este novo senhor!
De todos nós vai ser o protector!...
Entoar deveis, menestrel &.

[*Findo o choro todos se afastão com respeito vendo que Jorge tornou a cair na sua distracção.*]

JORGE [*entoando outra vez o canto.*)

Tra, la, la, la, la, la....
Onde pude eu ouvir este agradavel canto
Que faz correr meu pranto!
Tra, la, la, la, la, la....

[*Jorge acaba o canto a meia voz, e todos os camponezes se retirão pela porta do fundo.*]

SCENA IV.

JORGE, SÓ.

Isto é incomprehensivel; vinte vezes na minha imaginação tenho sonhado um castello góthico como este, uma galeria como a

quella.... mas, não pensèmos mais n'isso, que se me perde a cabeça.... E essa boa gente! Já parece que me tem amor.... e muito ditoso seria eu se pudesse fazer a sua felicidade! Nada me da cuidado senão o capitulo das gratificações: é coisa bem triste fallar como lord e pagar com segundo tenente... Mas, pelo que vejo, a Dama Branca não faz apreço de metaes amoedados, pois desde que me protege, a esse respeito ainda se não distinguiu nem pouco nem muito... q eAh! ahi vem master Gaveston, rem ar d'um comprador encovado.

SCENA V.

JORGE, GAVESTON.

JOR. (*caminhando para elle*) E então, meu amigo! que lhe dizia eu?.. vè-me agora muito satisfeito de poder tambem recebê-lo em minha casa.

GAV. Deve imaginar qual é o motivo que me conduz; venho pedir-lhe a explicação do seu incomprehensivel comportamento.

JOR. Meu querido patrão, peça-me tudo quanto quizer, menos explicações, porque a esse respeito...

GAV. Não julgava que um militar devesse recorrer a astucia para occultar suas intenções.

JOR. Alto lá! eu nunca pertendi enganar nin-

guem; declaro pois que me achei, assim como outros muitos, proprietario d'um momento para outro, e sem saber como; mas attesto que, hontem á noite quando cheguei a sua casa não tinha nem intenções nem dinheiro.... quanto a isto dou-lhe a minha palavra, e as provas, (*mostrando os seus bolsos*) estão aqui....

CAV (*vivamente e com alegria*), Que ouço!.. não tem dinheiro! Então, como ha de pagar?

JOR. Eu .... isso não é da minha competencia!.. a Dama Branca proverá. Segundo parece, sou, n'esta occasião o seu procurador, encarregado dos seus negocios, por que se comprei foi por sua conta.

CAV. Está gracejando.

JOR. Não-senhor, e vejo que ambos caímos em excessos oppostos; eu tudo acredito, e master Gaveston não acredita nada!.. isto é mau... o homem prudente deve sempre conservar um justo meio-termo.. quanto a mim não se me da de ceder alguma coisa da minha opinião... ceda tambem alguma coisa da sua, e concordemos ambos que n'isto ha o quer que é.... o quer que é que não comprehendemos: mas para ser feliz não ha obrigação de comprehender.

CAV. Pois com effeito, esta rica propriedade..

JOR. Se quer que lhe falle com franqueza,

não faço d'ella apreço algum, e estou vendo quando d'um instante para outro desapparece por encanto. O que me importa, é tornar a ver a Dama Branca ou a minha formosa desconhecida .... e é com a esperança de a encontrar, que vou pedir-lhe licença para ir correr o castello e suas dependencias.

GAV. (*detendo-o*) Mais uma palavra .... Se ao meio dia não puder pagar? ...

JOR. O castello ahi está.... eu não o levo comigo; o mais que me póde acontecer é ter que o vender outra vez; verdade é que se m'o comprarem pelo custo.... não ha de ser esse negocio que me ha de enriquecer

GAV. E se, n'esse meio tempo, não der a competente fiança, Master Mac-Irton já lhe dice que o caso é de cadeia.

JOR. De cadêia! ... pois ainda bem! porque em consciencia a Dama Branca deve vir soltar-me, e é um meio de a ver... Adeus. Vou examinar o meu castello, e tratar de me fazer lord. (*Sáe pela escada da esquerda e desapparece na galeria.*)

GVA. [*só*] Eu não posso perceber isto; esse moço é tão estouvado e tem ao mesmo tempo uma tal franqueza, que inutiliza todos os meus calculos... Mas donde lhe ha de vir o dinheiro? Não podendo elle pagar, o castello virá a pertencer-me, e hoje mesmo espero ser reconhecido conde de Avenel.

Aria.

Sim! sim! Avenel tu verás
Hoje em mim um senhor,
A quem te curvarás
Com respeito e temor.
Hoje tens um senhor!
Com altivez e nobre aspecto
Eu vou mostrar o meu poder.
Não m enganei: segundo o meu projecto
Senhor de Avenel heide ser!
Mas se alguem por essa aldeia
Se lembrar que já servi?
E que importa!
C'o esplendor que me rodeia,
O meu estado esqueci.
Serei Conde e respeitado!
Por vontade, ou de mau grado;
Com rigor conseguirei
Mesmo em amor dar a lei.
Que prazer! que prazer!
Prender vilões depois julga-los!
Quando passar, ouvir dizer:
Conde e senhor! conde e senhor!
P'r'as filhas só de meus vassallos
Hei de reservar meu amor.
Quando eu passar, oh que prazer!
Ouvir dizer;
Conde e Senhor!
Mas se lembrar que já servi?
E que importa?
Serei conde e respeitado

Por vontade, ou de mau grado.
Serei conde e respeitado;
Mesmo em amor dar a lei
Com rigor conseguirei.

SCENA VI.

GAVESTON, MAC-IRTON,

GAV. (*vendo Mac-Irion*). Ah! é o meu amigo Mac Irton?

MAC. Sim; está só!

GAV. Sem dúvida.

MAC. Tenho que lhe fallar... mas fechêmos primeiro todas as portas. (*Vai fechar a porta do fundo*).

(*Gaveston chega á escada da esquerda para ver se Jorge já se afastou*).

(*N'esse meio tempo, Anna abre a porta falsa que está no primeiro plano, á esquerda*),

SCENA VII.

Os mesmos, ANNA.

AN. (*entre portas, á parte*). Eis com effeito a passagem occulta que conduz a esta sala.. mas ai de mim! ainda não achei o que procurava.... (*Deitando a cabeça*) Que vejo? Gaveston! Não quero apparecer.... Escutêmos. (*Torna a fechar a porta e desapparece*).

GAV. (*tornando a descer*). Então que tem que me contar?

MAC. Noticias muito importantes... deve apressar-se, quando não está perdido .... O filho de seus antigos amos, Julião, conde de Avenel, tornou a apparecer em Inglaterra.

GAV. E por onde o sabe?

MAC. Por uma carta de Londres... e titulos autenticos que se não podem contestar. Bem sabe que ha uma duzia d'annos, confiarão Julião d'Avenel a um criado de seu pae, chamado Duncan, um irlandez que o meu amigo conhecia...

GAV. Sim... e depois?

MAC. Tinhão lhe entregado uma quantia consideravel para conduzir o menino a França e para alli o mandar educar occultamente; mas, bem longe de seguir as suas instrucções, Duncan embarcou para a America, e ficou com aquelle dinheiro.

GAV. E então?

MAG. Então o tal Duncan, tendo voltado para Inglaterra, assignou, ha quinze dias, no hospital em que morreu, uma confissão perante testemunhas, declarando que Julião, conde d'Avenel, seu antigo educando, servia actualmente n'um regimento de Infanteria.

GAV. Isso que importa?

MAC. Que importa? Elle serve debaixo do nome de Jorge Brown.

GAV. Oh ceos!

MAC. E agora comprehende?... é elle que, esta manhan veio cobrir o lanço, e já percebe qual é a sua tenção.

GAV. Não... master Mac-Irton está enganado; por ora não perco as esperanças, porque elle ignora o seu nome e o seu nascimento.

MAC. Será possivel?

GAV. E de mais a mais não póde pagar.... nada tem... não tem recurso algum.. elle mesmo m'o confessou... e quando eu for proprietario do castello e tiver o *titulo* de conde de Avenel... pouco me importa então que Jorge Brown s j reconhecido por um descendente da antiga familia... eu mesmo lh'o direi, se for necessario

MAC. Tem razão.

GAV. O que importa é aviar com isto... venha dispor tudo.

(*Saem durante o ritornello da aria seguinte*)

SCENA VIII.

ANNA, [*Abrindo a porta falsa e apparecendo no theatro*]

Recitativo.

Ah! qual é meu destino,
E que tenho escutado?
Aquelle que ouso amar
E' Julião d'Avenel;

A dignidade os bens
Que lhe tinha guardado.
Entre nós ambos poem
Um obstac'lo cruel.
Deus! de quem é meu amor conhecido,
Permitti que não possa
Alcançar a riqueza,
Que seus bens como está,
Fique desconhecido!
Que d'elle me approxime
Ao menos a pobreza.

SCENA IX.

ANNA, MARGARIDA.

Duelo.

MARGARIDA, [*entrando*]

Minha senhora,
Eu sou agora
De boa nova portadora.

ANNA,

Então que ha!

MARGARIDA.

Grande prazer!
Julião vamos tornar a ver.

ANNA.

E quem t'o dice?

MARGARIDA.

Ninguem:
Mas a noticia deve crer,
Que o presagio não me enganou;

A estátua eu vi muito bem,
A Dama Branca já voltou.

ANNA.

Meu Deus! quanto sou desgraçada!
Tu a viste?

MARGARIDA.

Eu agora pude vê la
Lá na subterranea capella,
Onde por Julião orando estava.

AANA (*á parte*)

Nesse recinto respeitado
Para onde certamente
O conde a transportou
Antes de se haver retirado....
Vamos, p'ra mim tudo acabou!

MARGARIDA.

Oh que contentamento!
Oh que feliz momento!
Morrerei de prazer,
Julião vai appar'cer!

ANNA.

Oh cruel soffrimento!
Que funesto momento!
Sim, devesse eu morrer,
Não lhe devo appar'cer!

MARGARIDA.

De mais, Julião, quando voltar
Ilha de casar-vos sem demora
Com esse bello official,
Esse Jorge que vos adora:
Mas que sentis? molesta estais!
Ah! respondei: vós descorais?

ANNA.

Vai dispor tudo Margarida,
Desde já p'rá nossa fugida.

MARGARIDA.

Que dizeis vós?

ANNA.

Eu preciso comtigo
Logo d'este logar sair occultamente.

MARGARIDA.

Pensais em tal? meu Deus! porque motivo?

ANNA.

Por causa de Julião.

MARGARIDA

Por causa de Julião!
Eu corro incontinente.

Juntas

MARGARIDA.

Oh que contentamento!
Oh que feliz momento!
Morrerei de prazer,
Julião vai appar'cer.

ANNA.

Oh cruel soffrimento!
Que funesto momento!
Sim devesse eu morrer,
Não lhe devo appar'cer.

(*Margarida sáe*)

SCENA X.

ANNA [só]

Sim, augmentemos ainda mais o mysterio que

me occulta a seus olhos! seja rico... seja feliz, mas não possa suspeitar qual é a mão que lhe restitue a sua herança; nunca elle conheça a pobre rapariga que o amava, e lhe faz um sacrificio da propria felicidade... E vós, meus antigos amos, vós, meus bemfeitores!... agora estou desonerada, já vos paguei a minha divida.

SCENA XI.

ANNA, JENNY.

JEN. Oh meu Deus!.. meu Deus! que quer isto dizer?...

AN. Então que é?

JEN. Ahi vem outra vez master Mac-Irton com officiaes de justiça; capas pretas que chegão ao castello!

AN. Oh ceos! não ha tempo a perder... [*Sáe pela porta da direita*]

JEN. E então! vai-se embora sem me responder... é isto bonito?... Mas onde estará o nosso novo senhor? já ninguem o vê? Acaso o farião mudar as grandezas?

SCENA XII.

JENNY, JORGE, [*vindo da esquerda, e apparecendo no fundo da galeria.*]

JORG. Pela minha honra! é impossivel encontra-la... estou sempre á espera d'algu-

ma apparição... que não chega. [*Descendo a escada da esquerda*] Não vejo mulher que me não pareça ella... Ah! aqui está uma.

[*Correndo a Jenny a quem só vê pelas costas.*]

JEN. Ah senhor!... então que faz?

JORG. Não... é a minha linda lavradora...

JEN. Linda lavradora... enganava-me; ainda não está mudado.

JOR. (*olhando para ella.*) Oh antes, pois devo desconfiar de tudo...é talvez uma nova forma que ella tomou.. porque nunca apparece senão debaixo da figura d'uma formosa mulher...em todo o caso isso para mim é o mesmo... vou agora ver!

JEN. Que motivo tem para me examinar por esse modo?

JOR. (*olhando para ella com ternura.*) Uma palavra só...tens com effeito a certeza de ser mistress Dikson?

JEN. Que tal está a pergunta?

JOR. Tu hesitas...então não és sua mulher.

SCENA XIII.

Os mesmos, DIKSON.

DIK. (*que ouviu as ultimas palavras.*) E', sim senhor, é muito minha... é minha mulher, e não lhe fica bem vir suscitar duvidas a esse respeito depois de todo o prejuizo que já me causou.

JEN. Prejuizo, e em quê?

DIK. Todos dizem por ahi na terra que lhe appareceu esta noite a Dama Branca, e que lhe deu este castello com muitos milhões; ora tudo isso me pertencia a mim se hontem, á noite, eu não tivesse cedido o logar.

JEN. E então, que te dizia eu?... olha o que é ser cobarde!

DIK. Foste pelo contrario, tu mesma que me não deixaste cá vir.

JEN. E devias tu por ventura attender ao que eu dizia? O dever d'uma mulher é ter medo... mas um homem, isso é muito differente.

DIK. Os nossos deveres são os mesmos.

JOR. (*passando para o meio*) Devagar, meus amigos, não se arreneguem! eu não faço apreço algum do castello... e se fazem gosto n'elle eu lh'o cedo de muito boa vontade.

DIK. (*com alegria*) Será possivel!

JOR. Oh meu Deus! sim... (*indicando todas as pessoas que chegão*) e pódes declarar-te proprietario d'elle na presença de todos esses senhores.

SCENA XIV.

Os mesmos, GAVESTON, MAC.IRTON, MARGARIDA, Rendeiros, Habitantes d'Avenel, Officiaes de justiça.

Final.

GAVESTON, MAC-IRTON, e os officiaes de justiça a JORGE.

E' meio dia! está prompto o dinheiro?
Deveis pagar ou dar um fiador.
Vós avisado hontem fostes primeiro;
Se não pagais, prêso estais, meu senhor

JORGE, (*alegremente*)

Esse negocio é com Dikson!

DIKSON,

Quem, eu, senhor! oh meu Deus! não.

JORGE, (*como acima*)

Não queres pois o meu logar?

DIKSON.

Não-senhor; tornai a ficar
Co' a vossa boa adquisição.

JORGE.

'Stá bem!
(*A Mac-Irton*)
Mas ha de haver demora,
Que inda não é chegada a hora.
(*A Gaveston*)
Sabeis que tenho confiança...

GAVESTON.

E qual é pois a vossa esp'rança?

JORGE.

A Dama Branca prometteu....

(*Ouve-se o preludio na harpa.*)

Ouvis.... aquelles sons?

GAVESTON. e o Choro.

Oh ceo!

(*Reunem se todos em circulo á boca da scena, e n'este meio tempo, Anna toda vestida de branco e trazendo um cofre debaixo do seu véo, apparece a direita da galeria que atravessa lentamente Gaveston, Jorge e o choro, que estão á boca da scena e de costas viradas, ainda a não véem.*) *Juntos.*

JORGE.

Oh tu, a quem venero,
Mysterioso poder!
Assim como eu espero
Já me vens proteger.

MAC-IRTON, GAVESTON e o Choro.

Tão occulto mysterio
Não se póde entender!
Quem neste caso austéro
Hoje o vem proteger!

(*Durante este choro, Anna atravessou a galeria, desceu a escada á esquerda, e veio collocar-se em pé em cima do pedestal da Dama Branca que está no fundo da escada, á esquerda; neste momento todos se voltão e a véem.*)

MARGARIDA e todos os Camponezes, ajoelhando.

E' ella!

ANNA, (*de cima do pedestal.*)

Entre vós está

Tombo Nº 10868 MUSEU LITTERARIO "CAMILLO LESSA"

Um guerreiro excellente,
D'esta nobre familia
Um digno descendente;
Esse ultimo varão
Da casa de Avenel....

JORGE.

Quem é elle!

ANNA.

E'stu mesmo!

JORGE. Oh ceo!

ANNA

Homenagem, Julião,
Todos te vão prestar;
E's senhor d'esta casa...
(*Mostrando o cofre que traz debaixo do véo.*)
E do oiro que te dou!
Outr'ora á minha fé
Teu pae o confiou,
P'ra tua herança resgatar.
Descendo vagarosamente os degraus, e pondo o cofre em cima do pedestal, caminha para o meio do theatro, mas ficando alguma coisa distante ac Julião)
A teus olhos não mais
Me verás apparecer!

MARGARIDA, (*passando para o direita de Julião e abraçando-o.*)

Inda o meu Julião pude ver!

ANNA.

Adeus! e nenhum imprudente
Meus passos se atreva a seguir!

(*Todos se afastão para lhe dar passagem e inclinão-se sem ousarem olhar para ella. Julião que Margarida aperta em seus braços quer apartar-se d'ella para seguir Anna. Dikson, que está á sua esquerda, o detem com força. N'este meio tempo Gaveston, que subiu a scena, acha-se no fundo defronte de Anna, e lhe trava da mão.*)

GAVESTON.

Não... a meus pés devesse de repente
Abrir-se a terra...
[*Conduzindo Anna para a boca da scena*]
Não has de partir.

O choro.

Tremei! tremei do castigo!

GAVESTON.

Não; eu descobrirei
O fatal inimigo
Que com tanto rigor
Me veio perseguir
(*Arrancando-lhe o veo*)

GAVESTON, MARGARIDA e o *Choro.*

Que vejo? é Anna!

ANNA, [*ajoelhando aos pés de Julião.*]

E'sim, é ella!

[*Gaveston e Mac-Irton saem.*)

Julião, (*com alegria, levando-a nos braços.*)

Acho em fim outra vez aquella
A quem amo. Torno a ver-te!

ANNA.

Eu sou órfan, sem bens;
Não posso pertencer-te.

JULIAÕ.

Deus recebeu minha promessa;
Renuncio esses bens
E titulo adquiridos,
Se com outra é mister
Que sejão repartidos.

Choro.

Ella é digna de ser condessa;
Sua mão deve receber.

ANNA, [*Apresentando a mão a Juliáo.*]

Assim o qu'reis

JULIAÕ

Oh que prazer!

MARAGRIDA

O ceo concedeu-me o favor
De ver o meu qu'rido menino.

JENNY

Achámos um bom senhor.

DIKSON.

E meu filho um bom padrinho.

JENNY.

Como é gentil nsso novo senhor!

Choro.

Entoar deveis menestrel,
Canção d'amor o guerreira;
Eis vem chegando a bandeira
Dos cavalleiros d'Avenel.

FIM.

20.10.83
DL